



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 6 de Setembro de 2014 • Ano LXXI • N.º 1839 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

QUANDO um caso triste nos invade, a dor que ele provoca é algo de avassalador e exigente. Pode acontecer que à nossa volta haja muitos outros normais e mesmo reconfortantes, mas o seu efeito pouco nos alivia.

A consciência está por detrás de tudo isto. Ela não nos deixa passar ao lado, e chamamos a assumirmos a realidade tal qual se nos apresenta. É como o efeito provocado no nosso olhar por uma mancha no meio de um fundo branco — é lá que os nossos olhos se fixam.

Ainda que não quiséssemos, a vida desequilibrada de um só Rapaz domina sempre o nosso estado de espírito, ainda que todos os restantes nos consolassem com vidas alegres e frutuosas. Um único caso tem poder para nos amargar a alma, ainda que muitos se lhe oponham, sem o vencer.

As multidões que seguiam admiradas Jesus, não O desconcentravam de um qualquer homem ou mulher de vida desequilibrada que por ali andasse — assim Zaqueu, Madalena, o cego de Jericó e tantos que atraíam o seu olhar de bondade e eram constante motivo da Sua palavra. Havia os que O procuravam e outros que Ele mesmo chamou, algumas vezes sem sucesso — *Deixa-me ir primeiro sepultar o meu pai... Tenho que fazer isto ou aquilo...*

Na nossa vida há também aqueles que chamamos para os caminhos do bem, frequentemente sem êxito palpável, e aqueles que chamam por nós, batendo à nossa porta pedindo ajuda.

Recentemente foi um casal que veio interceder por outra família. Ambos desempregados e passando necessidade, segundo disseram, vinham apresentar a situação de uma família a viver em más condições de habitação, ao que se acrescentam graves problemas de saúde. Tomei nota e no dia seguinte fui ver.

Era numa casa situada numa espécie de ilha que viviam, com as divisões interiores a meia altura, em tijolo toscamente rebocado, sem fecho das mesmas à cobertura, sem portas a isolar as divisões entre si, tendo por tecto placas de lusalite, sem qualquer outro isolamento.

No passado Inverno fizeram uns remendos na cobertura, mas o estado dela não impediu que a água da chuva entrasse por vários sítios, além do vento e do frio.

Falaram dos seus problemas de saúde, ela com problemas sérios nos ossos e ele em tratamento assíduo no IPO do Porto. Uma menina de 13 anos é a filha que vive com eles, tendo outros já independentes.

Enquanto estes viveram no núcleo familiar, a família habitou em casa arrendada, porque

os rendimentos o permitiam. Com o afastamento dos filhos mais velhos e o evoluir das doenças, tiveram de vir habitar aquela casa, herdada da família.

As prestações pecuniárias que actualmente recebem, devidas às pensões, ficam escassas para tantas despesas, não vislumbrando eles maneira de obterem algum dinheiro para melhorar a habitação.

Ouvi-os e deixei-lhes a esperança que os

iríamos ajudar. Disse-lhes para procurarem junto de quem de confiança e boa vontade, uma estimativa para se colocar uma cobertura nova em chapa dupla com isolamento. Este é o passo mais urgente a dar.

Saí. Na rua tudo parecia normal, mas esta família ia comigo. Não podemos deixar que a aparência de normalidade do geral nos faça esquecer as realidades difíceis do particular. □



Património dos Pobres: uma luz se acendeu; e ainda brilha.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

APARENTEMENTE pouco mexido, mas não parado. O *Património*, como os Pobres, não tem férias, mas a folga dos outros obriga-nos a mais trabalho aqui, em Casa, e a dar menos tempo à visita aos Pobres. Sim, digo bem. Menos tempo que não a aguentar menos consumições.

É bem melhor andar por lá do que receber os Pobres em nossa Casa. Lá, entre eles, a gente vê. Em Casa, ouvimos. Nem sempre é totalmente verdade o que escutamos e, noutras alturas ainda, somos nós que não entendemos completamente.

«Por dentro é que as coisas são», diz o poeta. E com razão.

Nas suas casas, diante das pessoas, cheirando o que eles cheiram e escutando os queixumes, percebemos melhor as situações de cada família, de cada pessoa.

Acompanhada por duas amigas que, há anos, são amparadas pelo *Património*, e com duas pequeninas que gerara com um progenitor irresponsável que as abandonou, esquelética e chorosa, apresentou-me papéis do Tribunal com multas que ela foi pagando, faseadamente, em 102,50€ por mês e a que, há tempos, perdera a possibilidade de responder.

Vi a documentação paga e a que faltava ascendia os 1400€.

Após me apresentar a identificação pessoal, verifiquei que tudo batia certo,

mas, sem conhecer o seu modo de vida, somente com estes dados, titubeei: — *Dou ou não dou*. Apresentou-me então um mandado de captura: — *Se não pagar, sou presa. Depois tiram-me as minhas meninas*. — E rebentou num choro de nos fazer fugir.

— *Olhe, você vai ao Tribunal* — dei-lhe 205€ que um padre me havia posto no bolso — *e diga lá que, agora, paga dois meses ao Tribunal e, depois, irá arranjando até saldar a conta toda. E acrescente que fui eu que lhe disse isto*.

Eu confio na vitória da **JUSTIÇA**. Se esta encontrar executores justos,

vencerá sempre. Jamais os poderosos a amordaçarão.

Então?! Não é que o Tribunal, ou melhor, a pessoa que olhou para o processo, se condeou, suspendeu o detestável mandato!... Mandou depositar as duas mensalidades e prolongou-lhe o tempo para a execução da dívida!... Se não é cristão, está perto do Reino de Deus.

Eu senti tanta alegria ao saber do desfecho, ao contemplar o alívio indescritível da jovem mãe, que não podia deixar de a transmitir.

Quantas vezes, pelas entrelinhas da comunicação social, tenho sofrido com o esmagamento dos Pobres, que por não terem dinheiro para pagar a

Continua na página 4

BENGUELA

Padre Manuel António

Que fazer?

FOI a pergunta que nasceu espontânea, no meu interior, há poucos dias. Um grupo de garotos da rua viu a carrinha com que andava a fazer os recados na cidade. Parei e saí. Rodearam-me, imediatamente, a pedir que os trouxesse para a Casa do Gaiato, porque estavam sem família. Quem me dera agarrá-los e beijá-los! Depois de ir ver o lugar onde moravam e o ambiente que os viu nascer, viriam comigo para a sua nova Casa de Família. Quem me dera! Neste momento, porém, não era possível realizar este desejo. Porém, a inquietação ficou muito viva. As crianças da rua são multidão e tendem a aumentar, devido ao crime dos pais pelo abandono dos filhos. Tenho, contudo, muita esperança de que, em breve, poderemos dar a mão a mais filhos abandonados, se não nos faltar a vossa ajuda. Cada um recolhe o que semeia. Queremos semear

Continua na página 2

CALVÁRIO

Padre Baptista

O instinto de sobrevivência é o mais forte em todo o ser vivo. Mas nos seres humanos com atraso mental, ele evidencia-se com mais acuidade. Tenho tido problemas com alguns doentes que se engasgam, tal a ânsia com a comida que se lhes dá.

O Valdemar, com forte atraso mental, quando repara que alguém tem nas mãos uma mala, corre logo direito a ela, para ver se encontra algo que possa comer. E fica triste quando nada encontra.

Tenho reparado que os rapazes com coeficiente mais elevado, são mais comidos. — *Já chega*. — Exclamam diante da dose alimentar que se lhes apresenta.

Quando muita gente come simplesmente para viver saudavelmente, há quem pareça viver unicamente para comer. Um visitante veio ontem contar-me que fora convidado para ir almoçar a Trás-os-Montes. — *Lá é que se come bem* — disseram-lhe. São trezentos quilómetros ida e volta, para comer uns assados! Claro que este convidado recusou o convite. Não vive para comer.

Ora, há muita gente pobre que deseja comer para sobreviver e passa fome.

Ontem, apresentou-se aqui uma pobre senhora, magra e muito pálida. Vinha pedir ajuda. O marido deixou-a com três filhos pequenos.

— *Olhe que, hoje, ainda nenhum de nós soube o que é comer. Venho pedir ajuda*.

Quando estou à mesa, penso muitas vezes naqueles que nem mesa nem comer têm. O Pai Nosso é rezado por muitos só no singular, quando Cristo nos ensinou a rezá-lo no plural. □

Pelas CASAS DO GAIATO



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — Neste mês de Setembro devem ficar concluídas as obras de reabilitação de uma das nossas casas do *Património dos Pobres*. Apesar de inúmeras admoestações da nossa parte, a última família que lá esteve não cuidou da casa como podia e devia, tendo-a deixado em mau estado.

Quando uma casa do *Património dos Pobres* fica vaga, ou consta que vai ficar vaga, ainda por cima, agora com obras de melhoria a serem feitas, chovem os pedidos da parte de quem diz que precisa muito de uma casa. Certamente que haverá, em parte desses pedidos (não em todos...), situações de alguma necessidade, mas é difícil ajuizar até onde vai a necessidade e começa o oportunismo.

Da nossa parte, em relação a esta casa, já decidimos o que vamos sugerir como novos moradores para ela. Será uma família onde o estado de incapacidade física e mesmo mental dos pais faz com que seja uma situação de necessidade bem acima do padrão dos outros pedidos que nos têm aparecido.

Depois desta casa, temos intenção de ir para obras de reabilitação noutra, também este um caso onde quem lá tem morado está muito aquém de ter feito o que podia e devia para a manter em boas condições.

É um caso muito difícil em vários sentidos que nos dispensamos aqui de especificar, caso esse com qual a nossa Conferência tem procurado lidar da forma mais paciente possível ao longo já de várias décadas. Se fosse para responder à letra a esta e a outras pessoas do género a quem ajudamos, há muito que as teríamos deixado entregues à sua sorte. Nunca fizemos isso, nem iremos fazer.

As Conferências Vicentinas não existem para ajudar só as pessoas que são bem educadas e que sabem dar boa conta da ajuda que recebem. Infelizmente, da pobreza também, às vezes, faz parte a má educação, o oportunismo e a má utilização da ajuda recebida. Claro que não podemos ficar impávidos e serenos quando isto acontece, nem temos ficado, mas não podemos cuidar só dos casos fáceis.

Que Deus nos ajude a sabermos fazer o que deve ser feito nestes casos mais difíceis.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — **Telem.:** 965464058 □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

CONSERTOS — A grade da piscina foi reforçada com parafusos. A vedação da secção dos gansos teve de ser substituída por uma nova, pelo Sr. Emídio.

ROUPA — Como chega com frequência roupa usada, dá um certo trabalho a organizar. Para além da que fica na rouparia para os Rapazes, vai sendo distribuída a pessoas com necessidade.

ESCOLA — A D. Graça e a D. Florinda com os Rapazes fizeram uma boa limpeza na nossa Escola, agora Centro de Estudo, para o arranque do novo ano lectivo. Esperamos que a malta esteja disposta a agarrar-se ao estudo e a portar-se bem nas escolas, respeitando os professores e funcionários.

AGROPECUÁRIA — Este ano a estação do Verão tem sido mais fresca. Mesmo assim as várias culturas e jardins têm sido regados, como é evidente. As doenças, infelizmente, atacaram as folhas das plantas da nossa horta. Andámos a desbandeirar a cultura do milho-grão na *terra nova* e aproveitámos o pendão que ficou a secar na *terra dos grilos*. As espigas de milho, armazenadas no celeiro, foram descaroladas e deram 15 cestos de bom grão.

SENHORAS — A Sr.^a D. Nazaré, que trabalha muito na vida doméstica e cuida de todos nós e em especial os da casa-mãe, foi visitar a Sr.^a D. Isaura a Setúbal, que adoeceu. Coragem e saúde! Também tem acompanhado a Sr.^a D. Maria do Rosário às consultas. □

LAR DO PORTO

Maria Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— «Quem ama a Deus, ama também, inevitavelmente, o próximo. Quem tem dentro de si a Caridade divina, não se cansa nem desanima nos caminhos do Senhor, como diz o profeta Jeremias, mas suporta com fortaleza de ânimo todos os trabalhos e injúrias e ofensas, sem desejar mal a ninguém. O fruto da Cari-

dade consiste na beneficiência sincera e de coração para com o próximo.»

Sempre começamos por dar notícia daqueles que o Senhor pôs na nossa vida, mas, hoje, damos notícia de que não temos verba para poder ajudar aqueles que, infelizmente, estão com muitas dificuldades. Nós temos muita pena, mas sem a ajuda dos nossos Amigos leitores, não podemos

ajudá-los. Andamos a pagar a água que aquela mãe dos 7 filhos tem atrasada, também pagamos rendas de casa e pão — que se dá todos os dias e se paga no fim do mês — no merceiro.

O nosso Pai Américo ensina que devemos dar a cana e não o peixe, mas temos confiança que o Senhor vai continuar a tocar os corações dos nossos Amigos leitores, para que todos juntos possamos continuar a ajudar quem mais precisa.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena, 200€. D. Luísa, 50€. Eng. Roberto Martins, 50€. D. Helena, 300€.

Muito obrigado a todos.

O nosso NIB:
0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço:
Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 23.400 exemplares

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

OFERTAS — Como já é habitual, todas as segundas-feiras, o *Intermarché* de Penafiel dá-nos a sua oferta de uma carga de iogurtes, que nos dá pelo menos para as nossas merendas de uma semana. A eles, nós agradecemos imenso pela sua generosidade.

RAPAZES — Alguns dos nossos Rapazes, neste início de ano lectivo, tentaram ir para um curso na área que gostavam, mas infelizmente tiveram o desgosto de saber que os cursos não iam abrir. Há também o caso de outros que têm formação, mas não conseguem arranjar nenhum trabalho. Temos um que, depois de terminado o seu curso, conseguiu ficar a trabalhar.

TIPOGRAFIA — Desde o último anúncio que publicámos no nosso Jornal, a nossa tipografia tem vindo a ter mais trabalhos, mas tem capacidade para fazer mais. Portanto, nós pedimos aos nossos assinantes e leitores que se tiverem necessidade de trabalhos de tipografia, não hesitem em comunicar connosco. Depois daremos o orçamento. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

generosidade para recolhermos o fruto do vosso amor. Este princípio deve constituir uma forma segura de viver.

Ontem, sábado, dia 23 de Agosto, aconteceu uma celebração festiva, cheia de riqueza espiritual e humana. A Congregação religiosa das Irmãs do SS.mo Salvador celebrou o bicentenário do nascimento da sua Fundadora. A Casa do Gaiato de Benguela associou-se, com muita alegria, a esta celebração. Há 36 anos, em 1978, três Irmãs desta Família Religiosa estiveram ao serviço de ajuda admirável, gratuita, à vida da nossa Casa, no campo da saúde,

da escola e demais actividades. Foi num momento humanamente difícil, por que estávamos a passar. A partir de então, as Irmãs ficaram de tal maneira ligadas à nossa vida que, embora a viver nas suas residências próprias, a Congregação continua a dar-nos a sua ajuda humana e espiritual. É interessante, também, a vertente comum que existe no apoio às crianças abandonadas. O Abrigo dos Pequenininos, instituição que está debaixo da sua responsabilidade, para acolher bebés abandonados e formação de meninas, é o alfobre donde vêm para a Casa do Gaiato os meninos, depois da primeira infância. Há, pois, uma ligação muito profunda. Quem dera con-

tinuem a dar todo o seu apoio no campo da saúde e da educação! É maravilhoso tudo o que se puder fazer, em comunhão de vidas para o bem da Humanidade.

Muitos pais continuam a ver na Casa do Gaiato a solução para os problemas dos seus filhos. O ambiente social está, sem dúvida, muito degradado. Os adolescentes e os jovens são vítimas das desgraças provocadas, em especial, pelo álcool e a droga. Sentimos, também, os efeitos perniciosos destes males sociais num ou noutro dos filhos da Casa do Gaiato. Não podemos desanimar. O serviço educativo pede muita



O CARLITOS

Padre João

NÃO terá havido Casa do Gaiato alguma que não tenha criado um menino com este nome — até mais do que um... Tais nomes andam disseminados por todas as famílias. Quando, em Castelo Branco, muito antes de obter licença do meu Bispo para trabalhar pastoralmente na Obra da Rua, o Bairro Ribeiro das Perdizes, então pertencente à única paróquia e freguesia de Castelo Branco se tornou para mim, como já tinha acontecido para outros sacerdotes que passaram por Castelo Branco, preocupação e objecto de preferência e atenção pastoral. O Ribeiro das Perdizes era — como lhe chama agora o nosso Papa Francisco — uma periferia, zona de exclusão. Já os saudosos, Cónego Anacleto e Padre Tarcísio, ao tempo, a tinham justamente assinalado. Levado por esse testemunho sacerdotal e apostólico, ali me «embrenhei» também. Para além de outros afazeres pastorais na

paróquia, arranjava sempre um tempo para o Ribeiro das Perdizes. Comigo, a Isabel Carreiro, a Edite e o marido, o Joaquim Martins, profundo conhecedor das problemáticas juvenis deste bairro que se esbatiam na Escola Afonso Paiva em que era presidente do conselho executivo, onde grande parte destes jovens estudava.

O Carlitos era um desses jovens deste bairro. Órfão de pai, tinha uma mãe que era «uma santa»; uma santa mulher e uma boa mãe: uma heroína. Ficou viúva com quatro filhos ao seu redor, por eles esfarrapava o coração, com grande dignidade o que levou o Carlitos, ao comunicar-me o seu falecimento nestes termos: «Morreu a santa da minha mãe...».

Há dias, um telefonema... Era ele. Estava de passagem por estas bandas do Sado, em gozo de férias. O Carlitos trabalha como motorista na Santa Casa de Misericórdia de Castelo Branco — um lugar

de muita responsabilidade! Vinha com a Sandra, sua esposa, os dois filhos e os cunhados, um casal residente na Quinta do Conde. Já lá vão 17 anos em que abençoei esta união sagrada do Matrimónio, numa aldeia da Beira Baixa. Marcámos encontro na Casa do Gaiato. Era uma tarde de sábado. Ficaram encantados com o ambiente e com a volta que deram livremente pela Casa e pela quinta. Recuámos no tempo lembrando os acampamentos dos AVX — um grupo juvenil nascido no bairro — nas margens do Zêzere. De algumas aventuras que não-de ficar pela vida fora a marcar o tempo. Muitas fotos para recordar este nosso belo reencontro.

Na despedida um abraço e um desabafo emocionado: «O senhor padre apareceu na minha vida e naquele bairro na hora certa... se assim não tivesse sido, não sei que rumo teria tomado...». Eu, defendendo-me dos «louros», disse-lhe: «Tu tiveste sorte porque Deus te deu uma santa mãe e uma boa esposa — só a Ele deves agradecer, não O esqueças». □

SETÚBAL

Padre Acílio

Abrão

VEIO o ano passado do Seixal a pedido da Comissão Protectora de Jovens e Crianças, por não ter pai consigo, a mãe não poder e a escola se mostrar incapaz de o reequilibrar.

Fugia, faltava, não tinha interesse! Era uma desgraça!...

— Ora, esses é que são os nossos — respondi à Técnica que me telefonava, a sondar a possibilidade de ele ser acolhido nesta Casa.

O Seixal tem boas razões para apreciar a Casa do Gaiato e um pedido desta Comissão traz-nos alguma alegria, porque é um reatar do diálogo quebrado por calúnias e enredos, não com esta, mas com outras Comissões do País.

Abrão é um adolescente de físico agigantado, mas meigo de feitio. Um pouco fingido, mas franco.

A escola foi difícil. Nos primeiros meses a instabilidade vinha ao de cima e dificilmente se dominava. Ainda fui várias vezes à aula, para o acalmar... Mas, depois, familiarizou-se com os colegas, ganhou brio, peso e amizades e integrou-se normalmente.

Com o Higino, na cozinha, armou, no final do dia, tal zaragata que andou tudo pelos ares: tachos, tampas e talheres. Nem a Senhora conseguiu restabelecer a ordem! Foi precisa a presença dos chefes que os agarraram, desuniram e arrastaram para a sala de jantar, em plena refeição.

Os dois bufavam de raiva recíproca.

No fim do jantar, após acalmarem um pouco, na presença de todos, perguntei, alternadamente, a ambos, o que se passava. As acusações eram mútuas e os olhares assanhados.

Os Rapazes riam, mas eu mantive-me severo. A seriedade dos acontecimentos impunha-se.

— Vamos lá. Dêem um aperto de mão um ao

outro. — Como não se mexessem, insisti: — *Toca a dar as mãos um ao outro!* — Mas, qual quê?! O Higino não se mexia. — *Vá Abrão, vai tu!*

Muito dificilmente o Higino estendeu o braço.

Depois de uma palavra sobre as ofensas, o perdão, a reconciliação, a amizade e a paz, terminou o *tribunal*, culminando com um aviso: — *Que isto nunca mais se repita.*

Ontem fui à capoeira. Ela é enorme!

Com a ida do «Monchique» para férias, o tratamento das aves, foi assumido pelo Sancun. Como este foi vender O GAIATO, substituiu-o o Abrão.

O galinheiro tem perto de 200 bicos, entre patos, gansos, pavões, pintos, frangos e galinhas poedeiras. É um bando enorme de aves, sem falar dos coelhos, com muitas divisões para os mais pequeninos e as diversas espécies. Todos precisam de água. E a alimentação, nalguns casos, é diferenciada. Abrão, no meio daquelas aves todas, todo ele era um herói, um pastor zeloso, um pacífico e pacificado.

— *Não dás farinha a estes?* — Perguntei-lhe.

— *Não. Aos mais pequeninos, é da outra.*

— *Então, e as couves?*

— *A hortaliça é para toda a bicharada!*

Com a tez negra, olhos rasgados e meigos, Abrão encara-me cheio de felicidade e doçura.

— *Gosto muito dos pintainhos!*

Para Rapazes assim marcados, não há força de humanização que se compare ao contacto com a natureza pura!

É por essas e muitas outras razões que as Casas do Gaiato são todas no campo!

E neste País, e no mundo, quem faz isto? Quem?!

Muita teoria, muita técnica! E depois?!...

Chega-se à idade e... são tantos e tantas nas montureiras da marginalidade e das prisões.

— *Gosto muito dos pintainhos!* □

paciência dos pais. Quanto mais amam os filhos, mais paciência devem ter. Por isso, os filhos que têm família, embora com as dificuldades próprias da educação, não têm lugar na Casa do Gaiato. Que quer ser a Casa de Família dos filhos sem família.

Há dias, recebemos a visita duma pessoa muito amiga com a disposição de assumir a responsabilidade dos gastos financeiros com a educação dum dos nossos filhos. Não quer levá-lo consigo.

Não vive em Angola. Esta forma de ajudar está muito bem. Quem dera vá para a frente! Continuamos a viver das várias formas de partilha do que tendes no vosso coração. Grupos de jovens continuam a buscar a nossa Casa do Gaiato, durante alguns dias, nos fins-de-semana. Querem animar o seu ideal de vida, nos vários grupos das paróquias, em que estão inseridos. É uma convivência saudável que os leva a descobrir nas crianças da rua o grande tesouro

escondido em seus corações. Ao mesmo tempo, trazem consigo algumas ajudas, sobretudo em géneros alimentares, para a nossa vida. A cadeia do amor chega, deste modo, aos membros jovens da sociedade que ajudam a fazer um mundo novo. Lançamos um apelo a todos os que podem ajudar a Casa do Gaiato de Benguela com o muito ou o pouco dos bens que possuem, nesta hora verdadeiramente difícil dos cinquenta anos da seu nascimento. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De alguns desafios

ERA a tradição evangélica do terceiro Domingo de Agosto e o Sol brilhou com imensa claridade no horizonte. Tivemos de rumar até à foz do Mondego para anunciar a Palavra, cumprindo uma missão em S. Julião. Também à escuta da telefonia, às vezes companhia, e atravessando robustos milheirais e arrozais, mirámos o imponente castelo de outras lutas em Montemor-o-Velho que fez arregalar na aurora os olhos dos pequenotes para o alto.

Os cenários das guerras, a nível internacional, da Ucrânia ao Médio Oriente deixaram-nos reflexivos sobre a espiral do mal do nosso tempo, que atormenta enormemente quem o padece gravemente e inquieta as pessoas mais atentas. O mundo parece prisioneiro dessa onda de demónios: guerras, terrorismo, fome, doenças... A ganância de poderosos vai humilhando e ferindo profundamente os fracos e inocentes.

Em Portugal, para além da confusão financeira, com imensa pena verifica-se que somos um País que tem perdido crianças a olhos vistos: 936 mil, no último trinténio. E aumentaram os filhos únicos. Sujeitos a uma sociedade de consumo, os mais novos e da *geração digital* vão estando mais influenciados e dominados (escravos) pelos meios electrónicos e excessos calóricos. Caiu-se num extremo na instrução, em que a escola até ao 9.º ano se foi destecnicizando e muitos miúdos vão ficando mais fechados e sedentarizados, mas mais vulneráveis ao mundo audiovisual, pois acedem à internet sem rédea curta. Neste tempo de mudanças tão rápidas, as fronteiras e as distâncias esbateram-se, os desafios são de outro âmbito, pois o alcance tecnológico é global, tendo as novas gerações desde a infância o mundo, com luzes e sombras, nas suas próprias mãos e à vista desarmada. A escolaridade alargou-se, porém haverá liberdade e qualidade de ensino? E quanto à iliteracia, até com o desacordo ortográfico? Os pais estão menos presentes (em tempo) na vida dos filhos e filhas, que crescem mais dependentes de videojogos e das redes sociais. Uma parte deles, para além da banalização dos telemóveis, já têm acesso ao *tablet*, *ipad*, *iphone*...

É flagrante a grande dependência dos pais (e avós), muitos deles com trabalhos precários e distantes do agregado familiar. Não se estanca o desemprego, numa conjuntura à mercê das economias mais fortes e selvagens. Com tanta vinha para cavar e vindimar, muitos jovens são atraídos para excessivas distrações e desvios, sobrando consumições, maioritariamente nas férias de Verão e aos fins-de-semana. E depois no ensino superior prolongam-se as excessivas e depressivas praxes, ditas académicas. Nos cartapácios, já seria assim desde a Antiguidade; mas, os filhos e as filhas têm-se tornado mais respondões com a papinha feita e sem dobrarem a mola. Não são estranhas ao endividamento das famílias também as cenas de *pequenos ditadores* que exigem o mundo a seus pés.

Quem, afinal, nos pode libertar dos temores do tempo presente e dar-nos esperança? Aquele que lavou os pés aos que chamava seus amigos. O Papa João XXIII, em 1962, afirmava *uma Igreja de todos e particularmente dos pobres*. O encontro com os mais fragilizados é da essência da nossa fé: Jesus identifica-Se com os pequeninos! A solicitude da Igreja estende-se pois aos mais pobres, humildes, fracos e espezinhadados, encarnando estas realidades.

Por estes dias, de estiagem cinzenta, entretanto um rapazito de visita aos seus pais, separados, com voz embargada alertou-nos: — *Não temos comida*... Quando saem para esses encontros, prevenidos, levam sempre uma abojada de arroz. Também daqueles e daquelas pessoas que conhecemos em ruas difíceis, constatamos carências, nomeadamente alimentares, como desta mãe aflita: — *Ajudem-nos com comida de meus filhos*. É central no *Pai Nosso* o pedido de *pão nosso* para cada dia.

Veio-nos logo à mente e ao coração o Evangelho desse dia de viagens e pregações, com a súplica daquela mãe que gritava atrás de Jesus e dos Seus discípulos: — *Socorre-me, Senhor*. Em redor daquele altar do nosso belo litoral, participado também por veraneantes, fomos mais uma vez muito bem acolhidos por uma comunidade próxima, conduzida por um venerando pastor, Padre João Veríssimo. Já agora um Padre da Diocese de Coimbra tem sido um grande ferrinho mais outras alavancas amigas e discretas, para pôr a mesa em cada dia destes passarinhos e noutros ninhos com bicos abertos.

Fomos com o resto da tropa fandanga que no segundo dia da semana teve de se agarrar ao serviço, pelo toque da sineta, como participantes da vida comunitária. Eis: o pequeno Bubacar, o lavandeiro Luís, o copeiro João e o horticultor Arménio. Foi com o coração agradecido que nos metemos à estrada, escuro de prego, à procura do Caminho, tentando ultrapassar algumas dores da promoção humana e em face dos grandes desafios deste tempo que nos é dado viver. A justiça do Senhor tardará a manifestar-se? □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

NO alvoroço da vida não sobra tempo para pensar. Escrevo o que vem à cabeça neste momento e não serão as coisas que mais nos atormentam. Muitas são de longa maturação e discernimento demorado, como o insatisfatório acordo de paz, agora ainda não assinado por falta de pormenores de segurança ainda não conseguidos. E o povo, esquecido e marginalizado que cada vez está mais na mesma, não é tido nem havido. Tantos mortos, tantos deslocados e à fome que até os polícias que acompanham as caravanas de carros e camiões que teimam em chegar aos destinos, cobram a todos para sobreviver naquelas longas caminhadas.

Vem mesmo a propósito, a morte do nosso Carlos Elizete. Chamo-lhe nosso porque tudo fizemos por ele, apesar de ter pai que nunca o aceitou como filho, avós e tios bem instalados na vida, que nem ao hospital foram vê-lo e o puseram inteiramente de parte. Foi recebido em nossa Casa com tuberculose resistente pela imunodeficiência do HIV.

Cheguei a dar-lhe injeções porque não deixava que lhas dessem. Tomar os remédios e alimentar-se correctamente como era preciso, negava. Várias vezes foi levado ao Hospital. Tem uma grande história. Sempre falava na família, mas nunca apareceram aqui. Nas férias ia a casa de uma enfermeira que cuidou dele quando ficou anos abandonado no Hospital. Já com 18 anos ele próprio conseguiu encontrar os seus familiares que o não acolheram, prometendo-lhe um terreno para fazer uma casa e começar a vida. Agravou-se o comportamento, chegou a ponto de não querer comer durante três dias.

Levou-se em mão uma carta ao Ministério da Acção Social, ao Tribunal de Menores e ao Hospital onde estive, para que o médico que o atendia soubesse da situação.

Saiu daqui com a certeza de que seria acolhido pela família. Mas esta o rejeitou. Foi à esquadra e a polícia levou-o para o Infantário da Matola. De lá, levaram-no ao Hospital. A família sempre e

até à última hora não deu a cara. Mesmo ontem, alertados para o estado grave em que ele se encontrava, nem quiseram saber. Hoje de manhã a avó foi avisada da morte e ela respondeu que foi Deus que quis. Mas foi-lhe respondido que Deus quer o que lhe pedimos. Agora, então, estava contente porque ele morreu.

Terá sido somente a ideia que o tio lhe meteu na cabeça do tal terreno ou outro desequilíbrio mental provocado pela doença? Já temos assistido a várias mortes que começaram com o desânimo de viver, com a falta de acompanhamento e aconselhamento. Por isso, até temos um Centro de acolhimento e aconselhamento apropriado na Massaca. Os remédios provocam distúrbios até que o organismo os aceite. O alimento equilibrado é fundamental. Nada disso faltou de nossa parte. Nunca pedimos a Deus que o levasse. Mas agora pedimos que o tenha junto de Si e a nós nos mantenha nesta luta de cada dia pelos nossos filhos mais pobres de saúde e espírito. □

SINAIS

Padre Telmo

NO dia 20 de Setembro o nosso Padre Rafael vai à Argentina com o nosso Amigo, senhor Padre Fabião, que é de lá e conhece alguns Senhores Bispos e Sacerdotes.

Vocações? Sim! Mas mais, rapazes. Veremos um local e a possibilidade de uma Casa.

Em Portugal, os serviços sociais não gostam das nossas Casas e procuram Lares de Acolhimento a troco de moeda — euros.

Vamos emigrar. Não à procura de ouro, mas na ânsia de dar carinho e amor a tantas crianças que «sabemos», por perda dos pais, perderam esse carinho e amor.

* * *

A mulemba cresce, cresce... Vai afastando os ramos das outras árvores e toma conta. Ramos submissos dos jacarandás. Mulemba é rainha. Quando, há anos, enterrei no chão duro a estaca, não imaginava que fizesse ali o seu trono. Fez e reina.

Um pássaro da noite deve ter lá o seu ninho, pois oiço, no silêncio, o seu pio nocturno.

No terreiro em frente da Capela os «Batatinhas» varrem o chão. Alguns, enquanto a vassoura desliza, olham o céu e as maravilhas ficam. Deixa, são sagradas — passou por elas a inocência.

O nosso «Sida», um pouco simples, não varre; arranjou uma caixa, atou um fio e transporta o lixo.

Trabalhando, brincam. É uma festa.

* * *

MISSIONÁRIOS, servidores, mártires.

Um dia entrei, afastando com os braços o capim alto, no cemitério da Missão dos Bangalas, hoje abandonada. Aproximei-me das campas dos missionários ali sepultados. Fui lendo: «Aqui jaz — nome — natural da Bélgica, 35 anos de idade. Aqui jaz — nome — natural de Portugal, 29 anos de idade». E mais, e mais falecidos com malária. Mártires do Senhor, não duvidemos.

Nem sempre são conhecidos e apreciados estes obreiros de Deus e dos homens. Os que não morrem, ficam velhos e regressam às suas Congregações onde, num quatinho dum canto, com ajuda do Senhor, vão curtindo a sua solidão. □

VINDE VER!

Padre Quim

O lucro não convence o amor

AINDA não é desta vez que vai a notícia sobre a Associação dos Antigos Gaiatos desta Casa. A semente já foi lançada à terra, levará tempo para crescer e dar fruto. Um frágil rebento brotará do solo calcado e árido. A esperança é para o Padre da Rua, e para qualquer educador, como o orvalho da manhã para a planta. Quanto bem faz ela aos corações inquietos pela causa do próximo! Quando a Associação nascer, será o elo de comunhão e o factor de unidade entre as várias centenas de filhos que agora se cruzam como desconhecidos pelos caminhos da vida, mas que tiveram outrora a Casa do Gaiato como a sua Mãe, que os gerou para a vida socialmente aceite. O Rapaz é um potencial em desenvolvimento para o bem da Pátria.

Com a pausa pedagógica a decorrer nestas duas últimas semanas de Agosto, redobramos os trabalhos. Passamos a tempo inteiro para os das oficinas e para outros grupos, apenas até ao meio da manhã, seguido de actividades desportivas apropriadas às idades. O «Tado» e a sua equipa de trabalho, estão a renovar as sebes que servem de alinhamento das avenidas entre a calçada e o jardim. Que lindas vão estar depois de serem regadas pelo «Jogó» e pelo «Farias».

Já é pela segunda vez consecutiva que a nossa Casa acolhe o grupo do *Grão*, este ano formado por cinco jovens vindos de Portugal, e com entusiasmo crescente

desenvolvem actividades diversas com os nossos Rapazes, desde o Ora a Deus ao campus de férias.

A agricultura em nossa Casa anda em luz intermitente, a começar pela dificuldade de encontrar um guia que leve esta tarefa a bom e seguro porto. Já vamos na terceira tentativa com a questão do encarregado do campo. Vamos ver se desta vez acertamos. A outra luz, ora acesa ora apagada, é a da falta de água nos vários furos que temos em Casa. Foi anunciado um programa provincial sobre a possibilidade do rio Cavaco trazer água durante todo o ano. Pelo menos um fio de água já se vê a correr debaixo da ponte, quando vamos à cidade.

Numa Conferência Internacional sobre a Agricultura, o preletor alertou sobre o perigo ecológico pelo facto dos angolanos estarem a transformar as suas terras férteis em florestas de betão. Nós queremos dizer não a este tipo de pseudodesenvolvimento desajustado pelo conflito constante com o ecossistema. A natureza é a nossa casa comum, a «OIKOS», devemos estar sempre em paz com ela.

No castanho da terra sem nada do nosso terreno da parte frontal da Casa, foram feitas duas plantações: a do tomate, que começamos a colher com a integração dos Rapazes; e a do milho, ainda verde e sem bandeira, mesmo em frente à Capela. Tantas vezes olho para ele, com esperança, desde o altar, quando celebramos a oferenda do pão e do vinho. Frutos

gerados pelo orvalho, que a graça do trabalho ajudou a crescerem.

Com o ritmo de venda no mercado e o preço que lhe quiseram dar, receamos não vir a dar para pagar as despesas do campo, como quase sempre acontece na altura dos ordenados. E, agora, com a entrada em vigor da nova tabela salarial em Angola, desde o dia 14 de Julho, passaremos a sentir maiores dificuldades em manter o grupo de funcionários do campo. Nós não somos uma empresa, como muitas vezes os sindicatos apelidam, equivocadamente. E quem quiser assim considerar, irá encontrar uma *empresa* rica em recursos humanos e pobre em recursos financeiros. Onde dezenas de famílias esperam o seu pão de cada dia, escola para os filhos e despesas para com a saúde dos mesmos. O lucro não convence o amor! Por isso, somos Obra de Caridade. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O capital da Sopa dos Pobres é, justamente, a confiança ilimitada que eles depositam nela. Vivemos dessa fortuna imensa — as lágrimas dos sem-pão; e isso nos basta. Só fecharemos as portas quando faltarem Pobres.

in *Pão dos Pobres*, vol. I, p 151

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

advogados competentes, são metidos na cadeia, enquanto os ricos e poderosos, por gigantescas falcaturas, conseguem safar-se, recorrendo e pagando a advogados conhecedores dos enredos legais.

Entre outros, veio também uma que, mal eu cheguei a Casa, se aproximou, me abriu a porta do carro com: — *Preciso tanto de falar consigo.*

Bem apresentada, com as unhas dos pés pintadas, limpinha, vestida a condizer!...

— *A sua cara não me é estranha. Eu já a ajudei algumas vezes e... agora não tenho dinheiro.*

Puxou então uma carta dum Vicentino, que pela letra reconheci imediatamente, e atira-me: — *Olhe que vim a pé da cidade aqui. Tenho a renda da casa atrasada três meses, veja se me vale, se não vou para a rua com as minhas filhas!*

O Vicentino tem muita influência em mim. É um homem que, por amor, visita os Pobres e não se deixa enganar facilmente. Mas eu não adverti tudo.

Avaliar só pelo aspecto, poderia agredir a senhora.

Ainda me surgiu perguntar-lhe como tinha pintado as unhas dos pés. Mas não o fiz. Tive medo de faltar à caridade.

Ela pretendia também uma máquina de lavar roupa. Mas eu só dou máquinas, quando as tenho, a famílias numerosas.

Lá lhe passei um cheque de 350€, endossado ao senhorio e, como o calor era intenso, mandei um rapaz levá-la, num carro nosso, a Setúbal.

Afinal, o rapaz voltou momentos após. Ela tinha um carro à sua espera, julguei, depois, que teria sido o mesmo, que a transportara para aqui: — *Mentiu-me, não veio a pé.*

Fechou a porta. Nunca mais. Telefonei ao Vicentino que pediu desculpa e também ele ficou alerta.

Não quero afirmar que a pobre mulher não precisasse, mas, sim, que só a Verdade vale e que, em primeiro lugar, nas despesas familiares, está a renda da casa e não o aparato pessoal. □